



**PINHEIRO, Marcus R.; MACHADO, Cristina A. (trads. & eds.). *O Tetrabiblos de Ptolomeu: tradução comentada dos capítulos filosóficos e estudo sobre o texto e seu conteúdo cosmológico*. Maringá: Eduem, 2018. 202 pp. ISBN 978-85-7628-739-1.**

Book Review



Rodrigo Pinto de Brito<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0000-0002-8898-0669>  
 rodrigobrito@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i2.53879>



Quem quer que deseje conhecer melhor um dos episódios mais marcantes da história das ciências, a Revolução Copernicana, dispõe de um bom material em língua portuguesa. Ainda mais se os interessados forem historiadores ou filósofos, e mais ainda se forem parte daquele pequeno grupo híbrido, resultado do cruzamento da filosofia das ciências com a história: o dos filósofos das ciências, mas de uma perspectiva historicista.

Assim, nos é disponibilizada pela Editora 34/ Associação Filosófica Scientiæ Studia a tradução comentada do *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano* como fonte primária (GALILEI, 2011); também são acessíveis à lusofonia ao menos dois desdobramentos interessantes na filosofia contemporânea, notadamente na área de filosofia das ciências, que pretendem elaborar um quadro geral das revoluções científicas usando, em grande medida, a Revolução Copernicana

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Doutorando em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor de Filosofia — Metafísica — na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

como exemplo: KUHN, *A estrutura das revoluções científicas* (2013) e KUHN, *A Revolução Copernicana: a astronomia planetária no desenvolvimento do pensamento ocidental* (2017). E cito apenas esses exemplos, pois não pretendo ser exaustivo.

Contudo, por maior que pudesse ser a lista aqui, ela seria enviesada, uma vez que enfatizaria ou as fontes primárias mais ou menos contemporâneas a Copérnico, ou os comentários e abordagens decorrentes de interpretações do próprio “fato copernicano”. Jazeriam, portanto, excluídos do diálogo a sua contraparte e as obras que a teriam servido de fundamento: os textos de Cláudio Ptolomeu (90-168 EC) e as fontes a partir das quais ele elaborou suas reflexões.

Sem muitos esforços, podemos pensar que tal estado de coisas se deve a uma espécie de preconceito positivista que grassa pela concepção torpe de “história” adotada pelos historiadores da filosofia ou das ideias, que sem se debruçarem sobre teoria da história, acabam aderindo irrefletidamente a abordagens e métodos historiográficos monumentalistas, desenvolvimentistas e personalistas, para ônus da comunidade acadêmica, que, no caso da Revolução Copernicana, acaba permanecendo sem acesso àquilo que serviu de contraponto a Copérnico, a cosmologia ptolemaica.

Este então seguramente é o maior mérito de Pinheiro; Machado (2018): dar voz ao silenciado Ptolomeu, reduzido pela história da filosofia a *sparring* de Copérnico. Mas seria errôneo e irônico pensar que esta voz lhe é concedida na obra em tela somente em vistas de uma tentativa de entender melhor o pensamento de Copérnico e sua relevância, de modo dialético. Pelo contrário, esta é uma armadilha na qual os autores não caem, pois seu objetivo é pensar Ptolomeu tanto por si só, salientando os conceitos que ele articula e sua abordagem em si mesma, quanto também pensá-lo enquanto herdeiro de um pensamento anterior, rastreando como cosmologias que o precederam vieram a influenciá-lo.

É com esta agenda em vista que os autores buscam, primeiramente, elucidar melhor as relações entre “A astrologia e as cosmologias antigas” (cap. 1.1, pp. 11-14), iluminando o papel que as elucubrações cosmológicas desempenhavam na exortação para uma vida bem vivida, de acordo com a natureza, de um ponto de vista ético, tratando a “Cosmologia como exercício espiritual” (cap. 1.2, pp. 14-17). Assentado o terreno através do melhor delineamento do clima de opinião de sua época, é hora de tratar mais detidamente de “Ptolomeu, o lugar do *Tetrabiblos* na sua obra e na história da ciência” (cap. 1.3, pp. 17-23). Ora, uma seção que tem em vistas situar o autor em seu contexto de produção, apontar seu legado e os pontos de articulação entre suas obras não poderia encerrar sem investigar os “Fundamentos astronômicos da astrologia” (cap. 1.4, pp. 23-27).

Após o capítulo 1 e estando os leitores mais bem familiarizados com os conceitos utilizados pelos autores e por Ptolomeu, bem como com o eixo física/cosmologia/astrologia/ética (não necessariamente nesta ordem), proposto como espinha dorsal para a compreensão da fonte primária em tela e do pensamento

ptolomaico em geral, somos convidados a discussões mais específicas sobre aspectos do supramencionado eixo, presentes no capítulo 2.

Portanto, o capítulo 2 (“Cosmologia e ética no helenismo”, pp. 29-92) é possivelmente a mola mestra de toda a obra, central para a articulação entre os dados bio e bibliográficos sobre Cláudio Ptolomeu com as filosofias que ele está recebendo e o modo como as assimila para constituir o pano de fundo teórico de sua astrologia.

Assim, em “A cosmologia de Platão” (cap. 2.1, pp. 29-51) os autores apoiam-se em seções do Livro X da *República*, mas sobretudo no *Timeu*, diálogo minuciosamente analisado em “O *Timeu* de Platão e a astrologia” (cap. 2.1.1, pp. 32-34), “A construção do universo no *Timeu*” (cap. 2.1.2, pp. 34-44), “Cosmologia e ética no *Timeu*” (cap. 2.1.3, pp. 44-51).

O procedimento adotado anteriormente com relação a Platão é repetido na análise d’ “A cosmologia de Aristóteles” — (cap. 2.2, pp. 51-72), subdividido em “Corpos simples e movimentos simples: o éter e os quatro elementos” (cap. 2.2.1, pp. 53-61); “Física e teologia: causas do movimento circular celeste” (cap. 2.2.2, pp. 61-65); “A influência do mundo supralunar no mundo sublunar” (cap. 2.2.3, pp. 65-72) — e também na análise d’ “A cosmologia estoica” (cap. 2.3, pp. 72-92), subdividido em “Física e ética” (cap. 2.3.1, pp. 76-79); “A física estoica” (cap. 2.3.2, pp. 79-85); “Lei da causalidade universal” (cap. 2.3.3, pp. 85-86); “Liberdade humana, causa e concausa” (cap. 2.3.4, pp. 86-89) e “Divinação e estoicismo” (cap. 2.3.5, pp. 89-92).

Pode-se afirmar com segurança que, pela hermenêutica desenvolvida no capítulo 2, este é um dos mais robustos de todo o livro, e principalmente, as seções em que se discutem pormenores da física e da cosmologia aristotélicas são muito bem-vindas, pois se por um lado tem havido já há alguns anos um crescimento de pesquisas no Brasil acerca do *Timeu* de Platão e dos fragmentos que apresentam a física estoica, por outro lado, os pormenores da física aristotélica têm sido preteridos em detrimento de sua metafísica, ética, epistemologia ou lógica. Ademais, o mapeamento das possíveis influências dos notáveis predecessores sobre a cosmologia e astrologia ptolomaicas revela um aspecto em seu pensamento — mas que não é exclusivo seu, aparecendo também em outros autores tardo-antigos, como Galeno e Euclides — que tem sido minorado: a adoção franca de um posicionamento eclético como alternativa diante das disputas entre filósofos de diferentes escolas, frequentemente ferrenhas e insolúveis.

É no capítulo 3 (*Tetrabiblos*: uma tradução, pp. 93-133) que finalmente nos deparamos com a tradução da fonte primária, precedida por um esclarecimento técnico “Sobre traduções, referências e símbolos astrológicos” (cap. 3.1, pp. 93-94). Logo após há um utilíssimo capítulo só sobre a “Cronologia do *Tetrabiblos*, da sua recepção e de suas reescritas” (cap. 3.2, pp. 94-97); outro com notas sobre o significado do “traduzir” (à luz de Benjamin e de Wittgenstein, por exemplo) e esclarecendo a fortuna tradutória do texto e suas edições críticas (cap. 3.3: “Sobre esta tradução”, pp. 97-100).

Como explicitado por seu título — “Original grego e tradução dos primeiros capítulos” — o capítulo 3.4 (pp. 101-134) subdivide-se em duas seções, a primeira contém uma reprodução em cores da edição de Robbins (Loeb Classical Library), que serviu de base para os tradutores, embora eles tenham consultado várias outras versões e edições críticas. E é a presença da reprodução colorida do texto de Robbins que justifica, por exemplo, a impressão do volume em um papel semelhante ao de revista<sup>2</sup>. E já que menciono aqui um aspecto editorial, aproveito o ensejo para mencionar outros: 1- o livro contou com a colaboração de várias pessoas, por exemplo, Edil Carvalho, que foi responsável pela revisão da tradução, e Antonio Augusto Passos Videira, redator do prefácio (pp. 9-10); 2- a pesquisa em si, que originou o livro, foi financiada por editais da UFF, do CNPq e da Capes, por exemplo; 3- o copidesque é bom, a revisão também, de modo que raros foram os erros de digitação e palavras truncadas que passaram. Mas, apesar das qualidades editoriais e da importância do volume e da pesquisa, infelizmente somente 500 exemplares foram impressos.

Voltando agora ao conteúdo, a segunda seção do capítulo 3.4 compreende a tradução propriamente dita dos 3 primeiros capítulos do livro I do *Tetrabiblos*, feita de modo extremamente competente e dedicado e ricamente anotada, de modo a elucidar aspectos conceituais, escolhas tradutórias, vocabulário geral, questões ou abordagens obscuras e a oferecer dados de erudição e referências cruzadas. De fato, trata-se de uma excelente versão vernácula do texto ptolomaico, contudo, apenas de uma porção do texto. E sendo tão grande a qualidade do trabalho e fluida a escrita introdutória, admito que gostaria de ver o restante da obra traduzido pela dupla de autores. Mas foi com salutar sinceridade que os autores elucidaram este ponto:

Uma pergunta que costumam nos fazer é: por que traduzir somente os três primeiros capítulos? Nossa resposta costuma passar pelos seguintes pontos. Para além de uma questão de ordem prática (falta de tempo e dinheiro) e do desprestígio científico que a astrologia vive na atualidade (que contribuiu para produzir os problemas práticos), o que nos orientou foi o nosso próprio interesse de pesquisa, cujo foco se encontra nas questões filosófico-científicas levantadas pela astrologia. Ademais, a nosso ver, o que mais mobiliza os leitores do *Tetrabiblos* são justamente essas questões, como elas se articulam na obra de Ptolomeu e também a sua repercussão. (PINHEIRO; MACHADO, 2018, p. 100)

Se os interessados pelos fundamentos filosóficos que subjazem ao *Tetrabiblos* podem tirar proveito sobretudo do capítulo 2, os interessados pelos aspectos astrológicos em si podem se deleitar com o capítulo 4 (“*Tetrabiblos*: um estudo dos quatro livros”, pp. 135-192), que pormenoriza e explica com detalhes toda a proposta astrológica ptolomaica, subdividindo a discussão do seguinte modo: 4.1- Livro I, pp.

---

<sup>2</sup> Procurei o nome oficial do papel nos componentes técnicos editoriais do volume, mas não encontrei.

135-155 (subdividido ainda em: 4.1.1- Os três primeiros capítulos, pp. 135-145; 4.1.2- Do quarto capítulo em diante, pp. 145-155); 4.2- Livro II, pp. 155-166; 4.3- Livro III, pp. 166-180; 4.4- Livro IV, pp. 180-192. Ademais, este quarto capítulo supre parcialmente a necessidade de conhecermos melhor as seções do *Tetrabiblos* que não foram traduzidas por Pinheiro e Machado.

Como de praxe, a obra é encerrada com as referências, atualizadas e bastante completas.

## Referências bibliográficas

- GALILEU GALILEI, **Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano.** MARICONDA, P. R. (trad.). São Paulo: Editora 34/ Associação Filosófica Scientiæ Studia, 2011.
- KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2013.
- KUHN, T. **A Revolução Copernicana: a astronomia planetária no desenvolvimento do pensamento ocidental.** Lisboa: Edições 70, 2017.

